

GIBIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ABORDAGEM CRÍTICO – SUPERADORA.

JOAQUIM FRANCISCO DE LIRA NETO.
FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP. CAMPINAS, SÃO PAULO, BRASIL.
JOCALIRA@HOTMAIL.COM
ÁREA TEMÁTICA: TEMÁTICA 4.

Introdução:

O presente artigo tem como objetivo tornar explícitas algumas das possíveis contribuições do uso de gibis ao ensino da Educação Física escolar. Para a consecução do referido objetivo, primeiramente será tratada a questão da importância, em termos gerais, da leitura de gibis na escola. Posteriormente, serão feitas considerações sobre como as histórias em quadrinhos podem auxiliar no ensino dos elementos da cultura corporal. Finalizando, será fornecido um possível exemplo de aula de Educação Física que contemple o uso de gibis.

O referencial teórico-metodológico aqui adotado foi a abordagem crítico-superadora da Educação Física, que tem como referência a pedagogia histórico-crítica, assim denominada por Dermeval Saviani, e que, por sua vez, se fundamenta no materialismo histórico e dialético, elaborado, inicialmente, por Karl Marx e Friedrich Engels.

O que justifica a presente análise é a necessidade de se pensar em como incluir, nas aulas de Educação Física, para além das vivências, leituras que possam contribuir para o estudo da relação entre cultura corporal e prática social, o que, com os gibis, pode ocorrer de forma agradável e estimulante.

Os gibis na escola:

Antes das considerações referentes especificamente ao uso de gibis nas aulas de Educação Física, é necessário tratar da questão da importância da leitura de histórias em quadrinhos na escola, de uma forma geral.

Diversos autores, como os que compõem o IDAC (Instituto de Ação Cultural), fundado por Paulo Freire, e que elaboraram a obra *Cuidado, escola!: desigualdade, domesticação e algumas saídas*, denunciam o fato de que é grande o número de crianças, principalmente as provenientes das camadas populares, que abandonam os estudos sem ter completado sequer a educação básica.

Segundo os referidos autores, “a maioria das crianças que abandonam os estudos antes de completar os 8 anos de escolaridade obrigatória vem de famílias pobres, do meio rural e dos bairros populosos das periferias das grandes cidades” (HARPER et al, 1984, p.35).

Um dos fatores apontados pelo IDAC como responsáveis pelo maior índice de fracasso escolar entre as camadas populares é a dificuldade que estes indivíduos têm de aproximar seus filhos da linguagem erudita. Quanto a isso, é necessário enfatizar que as maiores desigualdades entre os alunos são anteriores à escolarização, sendo causadas pelas formações desiguais que as diferentes classes sociais podem proporcionar às crianças.

Os membros do proletariado enfrentam condições de vida que dificultam, objetivamente, o seu acesso à linguagem erudita, o que compromete suas possibilidades de ensiná-la a seus filhos. Como conseqüência, são geradas apropriações desiguais do saber elaborado, das grandes produções culturais, entre as crianças de diferentes classes sociais, de maneira a serem favorecidas as provenientes da classe dominante, e a serem prejudicadas as provenientes do proletariado.

Na análise do IDAC:

Ora, a “cultura” da escola é a cultura do meio ambiente onde vivem as classes privilegiadas. As crianças dessas classes mais favorecidas estão habituadas desde a mais tenra infância à linguagem que a escola exige. Os textos escritos, livros e jornais, fazem parte de seu universo familiar e são percebidos como fonte de prazer e de informação. Essas crianças sentem-se, assim, naturalmente à vontade na escola [...] (HARPER et al, 1984, p.75).

Destarte, é possível afirmar que o ambiente escolar é, de uma forma geral, próximo ao ambiente familiar das classes mais abastadas, e distante do ambiente familiar das camadas populares.

Bourdieu e Passeron, que elaboraram a obra *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*, uma das referências do IDAC, lembram que a língua, além de ser um instrumento de comunicação, fornece um vocabulário mais ou menos rico, um sistema de categorias que facilita ou dificulta a assimilação do saber elaborado. Desta forma, os autores concluem que “a mortalidade escolar só pode crescer à medida que se vai às classes mais afastadas da língua escolar” (BOURDIEU, PASSERON, 1975, p.83).

É justamente considerando a dificuldade que as crianças das camadas populares têm de assimilar a linguagem erudita que se propõe o uso de histórias em quadrinhos na escola.

Os gibis podem proporcionar uma introdução à linguagem erudita aos alunos que realizam pouca ou nenhuma leitura fora da escola. Isto porque, como afirma Vergueiro (2007, p.23), o contato com histórias em quadrinhos “possibilita que muitos estudantes se abram para os benefícios da leitura encontrando menor dificuldade para concentrar-se nas leituras com finalidade de estudo”.

Além de auxiliar no desenvolvimento do hábito da leitura, os gibis contribuem também para o enriquecimento do vocabulário dos estudantes. Ainda segundo Vergueiro (2007, p.23):

[...] as histórias em quadrinhos são escritas em linguagem de fácil entendimento, com muitas expressões que fazem parte do cotidiano dos leitores; ao mesmo tempo, na medida em que tratam de assuntos variados, introduzem sempre palavras novas aos estudantes, cujo vocabulário vai se ampliando quase que de forma despercebida para eles.

Em síntese, o uso de gibis na escola é importante porque representa uma forma agradável e estimulante para os alunos - sobretudo os provenientes das camadas populares - iniciarem-se na linguagem erudita, adquirindo o hábito da leitura e enriquecendo o seu vocabulário.

Os gibis nas aulas de Educação Física:

Após a elucidação da importância do uso de gibis na escola, torna-se necessário esclarecer como as histórias em quadrinhos podem ser uma ferramenta didática importante para o ensino da Educação Física.

A primeira consideração a ser feita refere-se ao conteúdo que as histórias em quadrinhos devem apresentar, para que seja justificado o seu emprego nesta disciplina.

Segundo Soares et al (1992, p.18), os conhecimentos que constituem os conteúdos da disciplina em questão são os “temas da cultura corporal, ou seja, os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros”. Estes conhecimentos podem ser considerados como clássicos da cultura corporal, o que justifica a sua presença como conteúdos escolares. Isto porque, como nos diz Saviani (1995, p.18), “o clássico é aquilo que se firmou como

fundamental, como essencial. Pode, pois, se constituir num critério útil para a seleção dos conteúdos do trabalho pedagógico”.

Desta forma, não é qualquer história em quadrinhos que se justifica como recurso didático nas aulas de Educação Física, mas apenas aquelas em que estejam presentes os clássicos da cultura corporal.

A segunda consideração refere-se ao direcionamento que deve ser dado às leituras na disciplina em questão, numa perspectiva crítico-superadora. Partindo-se do pressuposto de que “a relação pedagógica tem na prática social o seu ponto de partida e seu ponto de chegada” (SAVIANI, 1989, p.86), o objetivo é o de que os alunos ultrapassem a visão sincrética que possuíam, para alcançar uma visão sintética da mesma prática social. Nesta perspectiva, é necessário pensar em como munir os alunos dos instrumentos intelectuais que os permitam superar os conhecimentos inicialmente espontâneos e confusos, e elaborar conhecimentos mais refletidos e sistematizados acerca da cultura corporal.

Somente as vivências dos elementos da cultura corporal são insuficientes para maiores reflexões sobre a relação de tais elementos com a prática social mais ampla; são necessárias, também, leituras e produções de textos que envolvam os clássicos da área.

Neste sentido, os gibis são importantes nas aulas de Educação Física, desde que apresentem personagens vivenciando elementos clássicos da cultura corporal, para que o professor sistematize a relação desses elementos com a prática social.

Nas histórias em quadrinhos, as práticas corporais aparecem, assim como na própria prática social, permeadas por idéias e valores, que devem ser problematizados pelo professor, para que sejam explicitados os seus determinantes sociais mais profundos.

Além disso, Soares et al (1992, p.39) defendem que a prática pedagógica da Educação Física deve desenvolver nos alunos a noção de “historicidade da cultura corporal”. Eles devem entender que o homem não nasceu pulando, saltando ou jogando, e que todas as atividades corporais “foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas” (SOARES et al, 1992, p.39).

Na próxima seção será fornecido um possível exemplo de como trabalhar com gibis nas aulas de Educação Física, de maneira a se desenvolver a historicidade da cultura corporal - o que implica na compreensão, por parte dos alunos, de que certas idéias e valores que permeiam as práticas corporais mudam de acordo com o contexto social.

Exemplificando: os Jogos Olímpicos através de gibis

O exemplo escolhido para uma melhor visualização de como os gibis podem ser utilizados nas aulas de Educação Física foi o de uma história da Turma da Mônica, que consta no site www.monica.com.br/comics/esportes/welcome.htm. No início da referida história, intitulada *Mônica em: Esportes Olímpicos*, a personagem Mônica se imagina como uma atleta, responsável por carregar a tocha olímpica.

Esta parte da história já possibilita ao professor de Educação Física mostrar aos alunos como a cerimônia da tocha olímpica sofreu alterações desde o seu surgimento até a atualidade. Para isso, o professor pode ter como referência a descrição que Lauret Godoy nos fornece de como ocorria o ritual da tocha olímpica na Antigüidade Grega:

Construído no bosque Altis um altar consagrado a Zeus, os sacerdotes da Elida ali depositavam as oferendas e preparavam a lenha, com um deles segurando uma tocha acesa. Seleccionados entre os peregrinos os mais ágeis e fortes, eram alinhados a cerca de 200 metros do altar e participavam de uma corrida a pé, que terminava diante do sacerdote. O primeiro colocado recebia a tocha acesa. Cabia-lhe a honra de acender a fogueira do sacrifício e a glória de ser proclamado campeão olímpico.

Esse atleta passava a ser considerado um favorito de Zeus (GODOY, 1996, p.57).

Através deste exemplo, os alunos podem compreender que a cultura corporal está em relação com a prática social mais ampla, pela percepção de que a cerimônia da tocha olímpica estava permeada pelas crenças da época em que surgiu. O professor poderá fazer com que os alunos percebam que, na atualidade, com as mudanças na sociedade, a cerimônia da tocha deixou de ter um significado religioso, embora não tenha desaparecido por completo.

Ainda na mesma história em quadrinhos, os personagens Mônica, Cebolinha e Cascão vivenciam diversas modalidades olímpicas, imaginando estarem nos Jogos. O professor de Educação Física pode aproveitar o ensejo para aprofundar os conhecimentos que os alunos porventura já possuam destas modalidades esportivas, tanto no que se refere à história como às regras de cada uma delas.

Desta forma, através do exemplo descrito é possível que o professor de Educação Física, utilizando-se do recurso didático dos gibis, faça reflexões com os alunos sobre a relação entre as práticas corporais e a prática social mais ampla, de uma maneira que seja mais agradável e estimulante aos alunos.

Considerações finais:

Após as considerações feitas ao longo do presente trabalho, torna-se possível vislumbrar algumas das contribuições do uso de gibis ao ensino da Educação Física, em âmbito escolar.

Não se espera, evidentemente, que a leitura de histórias em quadrinhos resolva todos os problemas dos alunos, principalmente os daqueles provenientes das camadas populares, pois, como tratado na primeira seção, as maiores dificuldades na aquisição da linguagem erudita são anteriores à escolarização. É importante lembrar também que os gibis são apenas um recurso didático introdutório, cujo emprego objetiva a futura assimilação de textos mais complexos, bem como o estímulo à prática da leitura.

Entretanto, mesmo sem desconsiderar estas limitações, o trabalho com as histórias em quadrinhos pode constituir uma possível maneira de se lutar, dentro do espaço de ação que a escola permite, pelos interesses daqueles alunos mais carentes, que se encontram mais afastados da linguagem erudita. Isto significa, em última análise, um compromisso político-pedagógico com as camadas populares, que, infelizmente, ainda encontra pouca ressonância na área acadêmica da Educação Física.

Referências bibliográficas:

BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1975.

GODOY, L. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

HARPER et al. **Cuidado, escola!**: desigualdade, domesticação e algumas saídas. 15 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RAMA, A.; VERGUEIRO, W (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 21 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

_____. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 5 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

SOARES, C.L. et al. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, M. de. **Mônica em: esportes olímpicos**. Disponível em: <www.monica.com.br/comics/esportes/welcome.htm>. Acesso em: 08 set. 2009.

VERGUEIRO, W. Uso das HQS no ensino. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

Rua Bonifácio de Tella, N°22, Apto 21.
Bairro Jd. Novo Botafogo. Campinas, SP.
CEP: 13070-250.
Fone: (19)32433416 ou 91701143.
E-mail: jocalira@hotmail.com